

Sônia Regina Da Luz Matos¹**Resumo**

Este trabalho de pesquisa tem como tema infância-*youtuber* mirim, assim gera a pergunta: Que tipo de infância se produz a partir da experiência de um vídeo da *youtuber* mirim Juliana Baltar? A metodologia de análise conceitual, relaciona as infâncias *aión* e *khronos*, do filósofo Kohan (2002; 2007) e um vídeo de uma *youtuber* mirim, a Juliana Baltar. Os resultados são descritos do seguinte modo: 1. Caracterizar o site *YouTube*; explicar o que é *youtuber* mirim e apresentar o canal de vídeos desta *youtuber*; 2. Descrever os recortes teóricos-conceituais sobre os tipos de infâncias; 3. Relacionar as cenas do vídeo da *youtuber* e analisa-las teórico-conceitual a partir dos tempos de experiências *aión* e *khronos* sobre a infância; 4. Identificar *youtuber* mirim como uma identidade e um novo tipo de infância na atualidade relacionada pelo funcionamento da experiência de tempo voltada a uma infância-*khronos*. A contribuição desta pesquisa se faz pelo próprio tensionamento conceitual filosófico, como uma potência de estender uma contribuição para área da educação infantil.

Palavras-chave: *Youtuber* mirim. *Aión*. Infância. *Khronos*.

Abstract

This research work has as its theme childhood-young *youtuber*, thus generating the question: What kind of childhood is produced from the experience of a video of the child *youtuber* Juliana Baltar? The methodology of conceptual analysis, relates the childhoods *aión* and *khronos*, of the philosopher Kohan (2002; 2007) and a video of a young *youtuber*, Juliana Baltar. The results are described as follows: 1. Characterize the *YouTube* site; explain what a child *youtuber* is and introduce this *youtuber's* video channel; 2. Describe the theoretical-conceptual outlines about the types of childhoods; 3. Relate the scenes from the *youtuber's* video and analyze them theoretically and conceptually from the times of *aión* and *khronos* experiences on childhood; 4. Identify a child *youtuber* as an identity and a new type of childhood today related to the

¹ Atualmente pesquisadora do PPGEDU/UCS, Grupo de Pesquisa CNPq - Educação, Filosofia e Multiplicidade Contemporaneidade/UCS, Coordenadora Institucional do PIBID/UCS, Membro do Instituto Latino Americano de Estudos Avançados (ILEA/UFRGS), ministra disciplinas de: didática, currículo, alfabetização - crianças e EJA. Formação: Estágio. Pós-Doutorado (2016), Université Paris 10 - Nanterre, Laboratório de pesquisa filosofia, arte e estética. Doutorado em cotutela em Educação (UFRGS) e Sciences de l'Education (Université Lumière Lyon 2), Mestra em Educação (PUCRS), Graduada em Pedagogia Matérias Pedagógicas (PUCRS), Apostilamento em Supervisão Escolar e séries iniciais (PUCRS). Especialista em Psicopedagogia. Participa da Mobilidade Universitária entre UCS e Université Lumière Lyon 2 (Institut des Pratiques d'Education et de Formation - ISPEF) em Lyon - França. Obteve bolsista CAPES Estágio Pós-Doutoral, Bolsa Doutorado Observatorio de Educação Escrituras (INEP/CAPES/UFRGS), Bolsa Doutoral Sanduíche no Exterior (CAPES), Bolsa Accueil Rhônes Alpes (França), Bolsa Mestrado CNPq, Bolsa de Intercâmbio Interinstitucional na Universidad Complutense, Madrid (Espanha), Bolsa de Iniciação Científica CNPq e Kellogg. Participou de Programas de Extensão Universitária em campus avançado no Nordeste, Amazônia e Roraima. Escreveu seus últimos livros sobre alfabetização, escrita e formação de professores, atuação na área de currículo, didática, formação de professores alfabetismos, educação infantil e diferença. Coordenou a área no Pibid - Pedagogia. Livros sobre alfabetização, escrita e formação de professores, atuação na área de currículo, didática, formação de professores alfabetismos e diferença.

functioning of the experience of time focused on a *khrónos*-childhood. The contribution of this research is made by the philosophical conceptual tension itself, as a power to extend a contribution to the area of early childhood education.

Keyword: Youtuber clid. Aion. Childhood. Khronos.

Introdução

Com o avanço da tecnologia digital e do uso da internet, alguns *sites* se popularizaram na última década. É o caso do *YouTube*: ele permite que usuários visualizem, publiquem e compartilhem vídeos de conteúdos diversos de uma forma simples e rápida. A plataforma passa a ser uma espécie de televisão pública, com inúmeros canais disponíveis, criados pelos próprios usuários, que, além de publicarem vídeos, também podem ser espectadores dos mais diversos programas. As crianças passaram também a utilizar o *site* de maneira que, atualmente, já existem variados canais digitais voltados para o público infantil. Esses são gravados por adultos ou crianças que se autoneciam *youtubers*. Os canais mantidos e produzidos por crianças são canais denominados como sendo de *youtubers* mirins. E é nesse campo que se tensiona o tema desta pesquisa sobre a infância e a *youtuber* mirim, pois percebemos - a partir das nossas experiências escolares como professoras - que vem aumentando o interesse das crianças para assistirem e se tornarem *youtubers*. Este tipo de efeito tecnológico e a própria identidade denominada *youtuber* alteram as relações sociais e a produção de infâncias. Ao apresentarmos tal tema, investimos na contribuição da área de educação infantil que questiona sobre o funcionamento da(s) infância(s) como parte de uma produção cultural, assim, abrindo ainda mais o debate crítico a fim de problematizá-lo.

Para contribuir com tal desafio e debate na área da educação infantil, o tema deste artigo envolve uma pesquisa junto aos licenciandos/as de Pedagogia² e do Projeto de Pesquisa do Pibid (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência/CAPES): Curso de Pedagogia da Universidade de Caxias do Sul. Foi escolhido o canal da *youtuber* mirim: Tipos de primos! (2015). Esse vídeo foi publicado pelo canal Juliana Baltar., por este ser assistido na escola por muitas crianças durante o recreio. Ele é parte da análise dos dados para atender o objetivo específico desta pesquisa, que é identificar que tipo de infância se produz pela experiência de um vídeo da *youtuber* mirim Juliana Baltar relacionada ao tempo *aión e khrónos*. Utilizamos

² Pesquisa Pedagoga da Diferença. PIBID/Universidade de Caxias do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação. Grupo de Pesquisa do CNPq: Grupo CNPq/ Educação, Filosofia e Multiplicidade na Contemporaneidade.

como critério de escolha esse canal porque ele tem em torno de milhões³ de seguidores, ou seja, é considerado um sucesso de audiência. Na data de acesso⁴, tinha 27.207.413 inscritos.

Outro motivo para a escolha foi a pesquisa realizada no *site* do Portal Periódicos CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Na busca por produções científicas⁵ – artigos, citações, livros, teses, revistas, resenhas, resumos, entre outros –, foi possível, através da palavras-chave: "youtuber", encontrarmos cerca de 60 periódicos no período entre 2011 e 2021. O resultado infere que o material existente é recente, pois encontramos em torno de 100 resultados gerais (periódicos) encontrados.

Tal resultado evidenciou que a palavra *youtuber* está sendo estudada por outros pesquisadores e se torna um conceito na atualidade. Em se tratando de pesquisa em educação, essa afirmação se sobressai nesta pesquisa que envolve a área da infância ou infâncias. A palavra *Youtuber* ganha um novo espaço no vasto material científico localizado na pesquisa dos periódicos da CAPES. Com isso, diante dos critérios anunciados e a evidência da vasta presença da palavra *youtuber* nos periódicos, optamos por delimitar esta pesquisa no território da filosofia da educação a partir da teoria sobre o *aión* e *khronos* do autor Kohan (2002; 2007) associada ao conceito de infância.

A metodologia deste trabalho teve caráter qualitativo por entendermos a pesquisa como produção que movimenta o dado conforme o problema e seu objetivo, assim, eles vão se tramando ao pesquisar (MATOS, 2010); para descrever a trama investigativa, a análise teórico-conceitual (MATOS, 2010) ocorreu para dar relação entre os discursos que retiramos do vídeo: *Tipos de primos, do canal da youtuber Juliana Baltar* e o campo conceitual. Os milhões de seguidores e inscritos no canal nos levou ao critério de seleção deste vídeo para ser analisado neste artigo, pois o vídeo tem 54 milhões de visualizações, sendo um dos mais visualizados no canal desta *youtuber* mirim.

Os estudos conceituais sobre a relação da infância com os tempos *aión* e *khronos* (KOHAN, 2002; 2007) foram relacionados ao material do vídeo por meio de quatro movimentos metodológicos produzidos pelos títulos deste texto. Iniciamos caracterizando o site *Youtube*, explicando o que é *youtuber* mirim e apresentando o canal da *youtuber*. Na sequência, descreve-se os recortes conceituais sobre os tipos de infâncias dos tempos *khronos* e *aión* sobre

³ Os dados de seguidores se alteram.

⁴ Disponível em: < https://www.youtube.com/channel/UCqDauP_ke8Lwt8Hg3Xv-8Iw >.

⁵ A pesquisa que fizemos no portal da CAPES não se trata do Estado da Arte sobre o tema educação infantil.

a infância (KOHAN, 2002; 2007) para relacionamos com as cenas do vídeo da *youtuber* mirim Juliana Baltar.

1 O *YouTube*

O *YouTube* é principalmente um *site* de buscas de variados conteúdos de vídeos. Pode ser encontrado através do endereço: www.youtube.com. Ao acessá-lo, o usuário se depara com uma barra de pesquisa na qual pode digitar o conteúdo que deseja pesquisar. A palavra *YouTube* vem do inglês, mas sua tradução também precisa considerar as gírias utilizadas nos Estados Unidos. Portanto, pode-se dizer que uma tradução apropriada para a língua portuguesa seria: “Você na TV”. O surgimento deste *site* deu-se com o intuito de atingir aquele público que gostaria de se tornar conhecido; ao mesmo tempo, foi criado para que as pessoas tivessem mais acesso às informações. Foi fundado no ano de 2005 por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim. Em 2006 foi comprado pela empresa *Google*, atual proprietária, por 1.650 bilhões de dólares (PELLEGRINI et al. 2009).

No *site YouTube* existem termos específicos que são utilizados pelos usuários. Os canais são criados pelos usuários para expor conteúdos como a publicação de vídeos institucionais ou de pessoa física que podem ser vistos por quaisquer outros usuários do *site* que se inscrevem, ou não, no canal de interesse. O usuário deste *site* pode se interessar por algum canal e realizar sua inscrição, dessa forma, passa a receber notificações sobre aquele conteúdo e, deste modo, o canal ganha número de seguidores.

A popularidade de um canal pode ser medida pela quantidade de inscritos, sendo os mais populares aqueles com maior número de seguidores. Gostei ou não gostei/*likes* ou *dislikes*, expressam a relação do telespectador ao assistir o vídeo (TOMAZ, 2017). Quando gosta de um vídeo, o usuário clica no *like*, sinal de positivo conhecido como “joinha”. Quando não gosta de um vídeo, o usuário clica no sinal de negativo. Depois de inscrito, o usuário pode desejar ser notificado a cada novidade do canal através das notificações ou sininho. Para isso, basta que o usuário clique no ícone com formato de um sino.

Basta apenas ter em mãos alguns dos diversos aparelhos eletrônicos como câmeras, celulares, *tablets*, entre outros para fazer um vídeo ou para se inscrever em algum canal do *YouTube*. Nesse contexto, o participante passa a integrar uma rede social que vai se segmentando através de interesses parecidos – rastreado pelo sistema de algorítmicos. Surgem,

então, os grupos de pessoas que seguem e publicam conteúdos semelhantes formando as chamadas comunidades⁶.

De acordo com as pesquisas de Pellegrini et al. (2009), o que fascina as pessoas em um site como o *YouTube* não é apenas a probabilidade de se tornarem produtoras de conteúdo, mas as inúmeras possibilidades que são disponibilizadas pela ampla capacidade que nos oferece a internet, pois o *site* tem uma infinidade de programas. Então, pode-se dizer que o *YouTube* oferta os mais variados conteúdos, o que chama a atenção dos usuários. E, segundo Pellegrini et al. (2009), permite que as pessoas se expressem elaborando vídeos de si próprias ou temas de seu interesse que serão expostas nos espaços virtuais. Através dos avanços das tecnologias, as mídias foram se propagando na atualidade, o que criou uma cultura das mídias e, portanto, uma cultura dos *youtubers*.

1.1 *Youtuber* mirim

Conforme falado anteriormente, o *YouTube* é um *site* de divulgação de vídeos que surge com o advento das tecnologias digitais, com a utilização da internet. Os *youtubers* são conhecidos socialmente por serem as pessoas de várias idades que produzem conteúdos em forma de vídeos para a plataforma. De acordo com Bragaglia (2016, p. 58): “O *YouTube* tem sido uma plataforma amplamente utilizada por crianças para se expressarem e/ou se divertirem com conteúdo direcionado a elas”. Assim, entre a variedade de conteúdos presentes no *site*, temos os vídeos elaborados e visualizados por crianças. As autoras ainda acrescentam que as crianças que gravam e divulgam vídeos em seus canais se autointitulam como uma identidade de infância: *youtubers* mirins.

As crianças, assim, tornam-se produtores de conteúdos, atraindo milhões de seguidores e de visualizações. Este tipo de inserção midiática das crianças se configura como um fenômeno recente (constamos pesquisas deste 2011⁷), que ocupa espaço cada vez maior na plataforma de material virtual. Tal tipo de infância *youtuber* mirim se manifesta e se produz também dentro do sistema educativo escolar.

⁶ Optamos por não entrar no debate do viés econômico e de outro tipo de capitalismo que envolve as redes sociais deste tipo de *site* e programa, transformando essa tecnologia numa nova ferramenta econômica, numa nova forma de trabalho, bem como criando uma nova categoria profissional. O *youtuber* passa a ser parte do tempo *khronos* (KOHAN, 2007) ou seja uma nova identidade contemporânea.

⁷ Indicamos apenas os últimos anos de pesquisas sobre *youtubers* mirins.

A infância youtuber mirim aparece no *site* como uma criança que produz e posta vídeos através de equipamentos tecnológicos, abrindo e criando seu próprio canal de comunicação (TOMAZ, 2017). Como isso ocorre? “É nesse mundo virtual que surge o *YouTube* e, conseqüentemente os *youtubers*” (JORGE, 2018, p. 5). Nos canais, os vídeos criados por crianças geralmente são caseiros e gravados nas próprias residências, com o apoio dos familiares. A *youtuber* Juliana expõe sua rotina, dá opiniões e relata acontecimentos do seu cotidiano de modo informal. Depois, esse tipo de conteúdo passa por uma edição. Juliana Baltar, tornam-se *youtuber*, expondo sua vida e privacidade numa montagem de vídeo, para atender os seus seguidores infantis, que consomem suas ideias.

Os conteúdos escolhidos pelas/os *youtubers* mirins são muito diversificados, entre os mais vistos estão os que envolvem os temas: brinquedos, afazeres cotidianos com familiares e amigos. Os vídeos possibilitam que a criança encontro seu lugar de fama com apoio dos familiares e adultos. Essa ideia é afirmada pelo pesquisador, em sua dissertação: “Há muitos *youtubers* mirins famosos, no Brasil. [...]. Estas crianças contam com a parceria e cumplicidade dos seus pais para manterem suas redes sociais ativas e também para produzirem os vídeos que compartilham. Os conteúdos compartilhados são divulgados como brincadeiras, maquiagem, diversão”. (JORGE, 2018, p. 2).

Sintetizando, *youtubers* mirins são todas as crianças que produzem e publicam vídeos em seu canal do *YouTube*. Essas crianças alimentam seus canais com conteúdo próprio oriundo de gravações caseiras com a ajuda de um ou mais adultos. Algumas delas podem alcançar, em seus canais, um número considerável de inscritos e se tornar populares no *YouTube*.

1.2 *Youtuber* mirim: Juliana Baltar.

Uma das *youtubers* mirins, a que selecionamos para esta pesquisa, em seu canal se descreve da seguinte maneira: “Meu nome é Juliana Baltar, tenho 11 anos e aqui posto vários vídeos divertidos de desafios, 16 novelinhas, textos, versos, com certeza você vai gostar muito, então ... se você quer assistir, vem comigo!!!⁸”. Essa descrição pertence ao canal Juliana Baltar, criado e mantido por uma menina de mesmo nome. Ela é uma criança com uma infância de *youtuber* mirim, sendo que em seus vídeos atua como uma personagem dela mesma, tendo, assim, milhões de seguidores.

⁸Disponível em: < https://www.youtube.com/channel/UCqDauP_ke8Lwt8Hg3Xv-8Iw >.

Ela, Juliana, é uma criança que vive a experiência de um tipo de infância *youtuber* mirim famosa no Brasil. De acordo com entrevista para a Record TV, no dia 28 de março de 2017⁹, Juliana relata não ter ideia da proporção de inscritos existente em seu canal. Ela relata também que o *YouTube* e seus brinquedos são suas maiores paixões.

2 Perspectiva sobre a infância

Para dar início a um recorte do longo itinerário de alguns movimentos sobre a determinação da infância, é importante salientar que nos detemos, conceitualmente, aos termos criança e infância, pois, embora relacionados entre si, assumem, neste texto, perspectivas diferentes. O termo criança, na educação escolar, está ligado a fatores que, segundo as pesquisadoras Matos e Giacomini (2019, p. 122) demarcam-se “*Dans la vie quotidienne des écoles maternelles, on observe l'importance des aspects physiques et biologiques, psychologiques et cognitifs*¹⁰”. Estes demarcadores permitem caracterizar o que vem a ser criança, utilizando a identificação dela pelos “aspectos cognitivo, social, físico, biológico, neurológicos, psicomotor e psicológico” (MATOS, 2009, p. 1) que acabam por determinar inúmeros documentos legais¹¹, políticas de educação e de estudos científicos. Já o termo infância, nesta pesquisa, vai se constituir pela pluralidade do discurso cultural.

2.1 Infância cultural: do pecado ao cuidado

Se indicarmos uma parte da história da infância, destacamos que especialmente, no século XVII, as crianças tinham uma infância considerada como estorvo, conforme indica a citação a seguir: “A princípio, a criança não contava na família e, quando reconhecida, era simplesmente como um estorvo. Era algo que sobrava e incomodava. [...]. Então, era morta pela indiferença” (VOLNOVICH, 2001, p. xiii). Essa ideia de infância estorvo, pode ser relacionado com a ideia de pecado, que esteve presente nas fortes convicções da veracidade religiosa do cristianismo pregadas na época.

A criança era vista como resultado do pecado carnal entre homem e mulher. Resumidamente, quando a criança nascia, ela já estava condenada à imagem de ser impuro e do mal, que carregava a imperfeição e a impureza de todo o pecado sexual cometido pelos pais.

⁹ Idem.

¹⁰ Na vida cotidiana das escolas maternas, observamos a importância dos aspectos psíquicos e biológicos, psicológicos e cognitivos (Tradução nossa).

¹¹ Optamos por não citar e estudar os documentos legais, tais como ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) e a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), que poderiam ser outro foco de pesquisa.

Por isso, era necessário que essas crianças fossem escondidas e abandonadas. A grande maioria delas morria por não ser cuidada e alimentada, pois o ato de amamentar era considerado impuro e pecador para a época (VOLNOVICH, 2001; ARIÉS, 1981).

Cabe, neste recorte, salientar que as crianças eram vistas como pecadoras e, além disso, eram submetidas a enfaixamentos. Utilizavam-se pedaços de pano que envolviam o corpo da criança a fim de imobilizá-la e, dessa forma, impedir que tocassem em si próprias, nos objetos e em outras pessoas (VOLNOVICH, 2001). Essa prática versava em: “A criança não tem a menor possibilidade de mover-se, pois seu peito está envolvido por uma faixa. A cabeça é apertada para dar a forma pretendida pela parteira, sendo mantida nesse estado pela pressão constantemente ajustada.” (DEWES, 1826 apud VOLNOVICH, 2001, p. xiv).

As afirmações acima tratam mostrar que a criança se constituía por meio da infância pecado, que necessitava de punição, este tipo de infância não servia para nada além de ser um resultado infeliz dos atos pecaminosos dos adultos. Era uma infância baseada nas crenças da religião.

Ainda podemos destacar que a infância se constitui por meio de interesses econômicos. Segundo Ariès (1981), é neste período do século XVII que fotos de crianças sozinhas passam a aparecer e circular socialmente; além disso, os retratos das famílias também passaram a valorizar a presença das crianças que eram colocadas no centro das atenções, tornando-se visíveis dentro da organização familiar. Esse fato se dá fortemente por interesse mercantilista - ligamos os avanços políticos, econômicos e tecnológicos à produção de uma nova identidade de infância para algumas crianças. A infância muda sua imagem, tornando-se interessante ao mercado, que exige dos pais e instituições educativas uma mudança de posicionamento (MATOS e GIACOMIN, 2019) e, para reafirmar tal posicionamento, segundo Volnovich (2001, p. xvii): “O fato é que, no final do XVIII, a criança pecado, a criança erro, a criança estorvo vai adquirindo valor de mercadoria, ou seja, é reconhecida como um potencial de riqueza econômica”. Fica evidente, que ocorre uma mudança no modo de considerar a experiência de infância - agora a criança ganha uma infância tutelada pelo Estado: “Como tal, começa a ser considerada e cuidada, embora mais seu corpo do que sua alma, pois o valor do ser humano conta para o Estado desde que produza riquezas” (VOLNOVICH, 2001, p. xvii) abrindo, assim, o valor de ser humano aos interesses econômico e cultural da época.

Infere-se que as crianças poderiam colaborar com o sistema não só mercantil, mas como uma potência para que o Estado conquistasse riquezas. É nesse sentido que se passa a entender que cabe ao Estado cuidar das crianças para que também se tornem úteis para a Pátria,

defendendo-a nas guerras. O Estado percebe que sozinho não conseguirá cuidar das crianças, por isso, gradativamente, passa a responsabilizar as famílias pelos cuidados infantis (VOLNOVICH, 2001).

O Estado e a família se juntam pelo bem comum dos infantes, inspirados pela corrente filosófica da época que atribui valor moral às relações familiares. Segundo Matos (2009, p.1) incorpora-se um “discurso de que cabe aos pais dar aos filhos alegria e felicidade, através do sustento da família”. Na mesma linha de pensamento, afirma o historiador francês Ariès (1981, p. 191), “A família tornou-se uma sociedade fechada onde seus membros gostam de permanecer, e que é evocada com prazer [...]”. Então, no discurso filosófico da época, entra o valor não somente moral, mas prazeroso, afetivo sobre o estar em família com a criança; a figura materna passa a aparecer com uma nova atribuição, na produção de sentido para a infância, como podemos observar neste trecho de Volnovich: “Surgiram, então, os discursos médicos, os discursos pedagógicos, com todos os seus decálogos de proibições e conselhos, com uma série de louvores: apologia do amor materno” (2001, p. xix).

Então, a ideia de maternidade afetiva e do amor materno, antes não considerada socialmente como algo de valor das famílias nobres, abre-se ainda mais para acolher as crianças e fazer com que outra infância se produza no espaço das famílias e da educação. Para o autor Volnovich (2001), as mães que não seguissem as novas regras sociais seriam penalizadas com castigos.

Tais movimentos discursivos citados criam condições e possibilidades de produção de um outro tipo de infância para as crianças, pois uma importante mudança ocorre nesta época. Além da ideia de mãe que mudou absolutamente seu papel, também ocorre a nova visão dos cuidados que devem existir em relação à infância. Ainda descreve e problematiza Volnovich (2001, p. xviii): “Criar um filho é, então, ajudar um ser indefeso e dependente a adquirir sua total independência e autonomia, igual a dos pais, sem dever nada a ninguém”. Continuando com o argumento do autor, ele afirma que todos os indivíduos devem buscar a felicidade, eis a educação para tal infância: “A grande obsessão da filosofia das Luzes foi a busca da felicidade, a qual rapidamente seguiria a valorização do amor [...]. Fundado na liberdade recíproca de escolha, o novo matrimônio deveria ser o lugar privilegiado para o desdobramento da felicidade, da alegria, da ternura” (VOLNOVICH, 2001, p. xix).

Nesta posição discursiva, também, temos a contribuição da filosofia que, com seus escritos, passou a reforçar a produção da constituição de uma educação da infância, como uma educação sinônimo de felicidade. As crianças passaram a ser percebidas como seres desejados,

ingênuos e puros que necessitam dos cuidados dos adultos. Nesta percepção de criança, a infância deve ser resguardada das maldades do mundo (MATOS e GIACOMIN, 2019).

É ainda por volta do final do século XVIII que se estabelece, de fato, a regra do cuidado às crianças. Segundo Volnovich (2001, p. xxi), “é no final do século XVIII que se anunciam as transformações que impõem os valores afetivos da modernidade, modelo que se manifesta na atualidade”. E, cabe outro destaque de Ariès (1981, p. 195) sobre a relação do cuidado da criança: “[...] os membros da família se unem pelo sentimento, o costume e o gênero de vida”. Aqui, podemos dizer que está o recorte de tipos de infâncias que circulam na atualidade, voltados ao discurso sobre o cuidado dos sentimentos e emoções das relações sobre a infância e sobre o cuidado de proteger a vida desta. Porém, daremos seguimento com resultados da nossa pesquisa, a ênfase na infância *youtuber* mirim sendo produzida pela experiência *khrónos*.

2.2 Infância filosófica: *aión* e *khrónos*

A ideia mais comum que temos de infância pode ser resumida pelas palavras do filósofo brasileiro Kohan (2002, p. 233): “Isso é particularmente habitual na educação, provavelmente devido à enorme influência de alguns saberes – em particular da psicologia cognitiva – que pressupõem uma forma evolutiva de entender o ser humano”. Existe uma ideia de infância criada sob influência da psicologia cognitiva, porém, outras perspectivas e teorias foram se estabelecendo. Essa infância apontada por Kohan (2002) está relacionada à institucionalização da palavra infância, assim, o autor apresenta a perspectiva filosófica nos provocando a pensar sobre nossos posicionamentos que foram “naturalizados” sobre este tema.

Para Kohan (2007), a partir do estudo, é possível dizer que a instituição poderia abrir espaço para a atividade de experimentação sensível sobre o que se passa no corpo e nos afetos deste com as relações sociais. Esse tal pensamento dentro da escola, como instituição educativa sobre a infância discorre das forças *aión*. Ocorre que se considerarmos a atualidade, marcamos a estrutura do dia a dia das crianças na escola e na família como espaços determinados pela experiência de tempo. O educar o tempo da criança é educar um tipo de infância! Por exemplo, na rotina de escola, determina-se tradicionalmente o “recreio”, tempo de aproximadamente 15 minutos para brincadeira, tempo livre para as crianças. Sobre esse tempo cronológico, ou seja, o controlado pelo relógio, é que o autor explica que a infância é determinada como parte da experiência de tempo *khrónos* (KOHAN, 2007; DÁRIO e SILVA, 2018).

Khrónos reage a identidade pela medição, numeração e controle do tempo, pelas marcas do antes, do agora, do depois, do passado, do futuro e do presente. Esse tipo de tempo pode ser

percebido através dos movimentos naturais, como os do sol, organizado cronologicamente pelos gregos (DÁRIO e SILVA, 2018). *Khrónos* é regido e medido através das horas, dos minutos, estrutura e normativa o fazer e os movimentos dos humanos, força o espaço civilizatório moderno, como as instituições, e a escola é regida por ele.

As crianças, dentro do espaço escolar da educação infantil, situam-se pelas estruturas de rotinas lineares, sobre a força desta regra identitária que produz um disciplinamento caracterizado e cicatrizado em corpos de infâncias-*khrónos*, ou, dito de outro modo, infância *khrónos* voltada para o preparo do mundo do trabalho, para a sociedade do consumismo e da velocidade acionada pela necessidade capitalista. Podemos fazer essa afirmação se relacionarmos o funcionamento das rotinas escolares que estratificam o currículo neste tempo e a citação abaixo:

Khrónos é o tempo do capital, do mercado, e cada vez mais na escola é preciso justificar a produtividade com que se experimenta o tempo. [...] Como *khrónos* numera o movimento e nunca fica quieto, na escola quase não há presente, a não ser como um instante, um limite, um “agora”: só conta a experiência passada [...] e o futuro geralmente o tempo para o qual os alunos são “preparados” na escola, sendo esse outro um futuro dentro da própria escola, na universidade ou no mundo do trabalho. (KOHAN, 2007, p.11)

Apesar de colocarmos as crianças dentro deste funcionamento de infância, afirma o filósofo Kohan: “A escola não tem Infância” (KOHAN, 2007, p. 17). Tal frase, curta e direta, impõe uma parada nos determinismos naturalizados pela escolarização da criança e suas infâncias. Se na escola não tem infância, qual criança o autor afirma estar sendo produzida na escola? Um tipo de criança disciplinada pelos regimes do capitalismo-consumismo; o tempo torna-se uma experiência de “conteúdo curricular” sobre as infâncias. É preciso ainda dizer que o capitalismo-consumista ignora que “a infância não é apenas uma questão cronológica: ela é uma condição da experiência. É preciso ampliar os horizontes da temporalidade” (KOHAN, 2007, p. 86) dentro das práticas de educação infantil. Ampliar o foco dos estudos para o discurso filosófico possibilita desnaturalizar as práticas institucionais que aprisionam e sujeitam as infâncias ao consumo e à competitividade por meio da experiência *Khrónos*. A Infância é amainada pelo discurso de uma educação que naturaliza essa experiência temporal como a verdadeira experiência para educar uma infância. Tal afirmação se estende para outros espaços fora da escola, por isso o tema desta pesquisa ganha inquietação com a análise do vídeo da *youtuber* mirim Juliana Baltar.

Assumir o posicionamento crítico pelo investimento de uma educação infantil pela experiência de tempo *aión* faz do investimento *pela* – não sobre a – infância. Tal

posicionamento crítico requer desafiar o sistema fechado da institucionalização do corpo da criança pelas proliferações de infâncias sujeitadas e produzidas neste discurso imperativo dos resquícios da infância-mercado e infância-pecado, entre outras tantas infâncias que se proliferam na atualização da captura do tempo como parte de um tipo de economia que vai ganhando hierarquia e vergadura de verdade nas práticas de educação infantil. Por vezes, tal vergadura de verdade se apresenta como conceitos e posições naturalizadas por leis nacionais reforçando a produção de um tipo de infância-*Khrónos*, como mostra o tensionamento do filósofo: “É preciso, então, devolver à escola o tempo pelo próprio tempo infantil que lhe foi roubado. O tempo pelo próprio tempo, o tempo da brincadeira séria, aquele que encontra sentido no próprio brincar. O tempo do presente, do estar presente, inteiramente, no que se faz, na vida que se vive: como uma criança que brinca.” (KOHAN, 2007, p.13).

Neste um sentido, o filosófico Kohan (2007) desafia a educação infantil propondo a experiência da infância por uma via paralela ao tempo *Khrónos*. Investe numa proposta de educação pelo tempo de experiência *aión*. *Aión*, como tempo, se faz pela produção da experiência de intensidade viva - a experiência, aqui, é o que se passa pela percepção, pelo afeto e pelo possível da relação entre o brincar como funcionamento de estar com o outro, se constituir e ser constituído com o outro, pelo ato da experiência de quem brinca sem objetivo. A infância possibilitada pela experiência *aión* abre o corpo pela duração, arrastando sensações como parte do processo educativo que se constrói e se constitui *com e pelo* outro, o brincar torna-se a força operativa deste tempo, como tal constituição humana investida mais pelo agir que o fazer (DELIGNY, 2015).

O agir se trama com o tempo de experiência *aión* pelos “aspectos desse nós-mesmos que nos escapam” (DELIGNY, 2015, p.138) e o fazer com o tempo de experiência *khrónos* que “estaria o fazer (algo de útil, que se articula com o que fazemos)” (DELIGNY, 2015, p.141). O agir sempre existe no limite das forças do que se experimenta, do que acontece, sem projeto pensado, programa, medido, cronometrado, escortinado. Este limite se expande às forças de um quase infinito, ou seja, o agir ganha espaço de experiência, “fragmento de real quase imaginária, mas apenas quase” (DELIGNY, 2015, p.142). O agir amplia a ação da infância pelas forças de um projeto agido e não pensado, por isso, um quase tempo infinito é a própria duração da experiência infantil que age para abrir existência de proximidade com o vivo, o vivido do limite da expressão imaginária.

Com tamanho desafio direcionado à educação infantil pelo tempo da experiência *aión*, o autor explicita que *khrónos* não é o único modo de experienciar a força do tempo. Como

khrónos é o tempo oficial nas instituições educativas, ele funciona atuando sobre o corpo da criança e impondo à infância a sujeição da experiência da vida pelo escotino cronológico, pelo controle de algoritmos digitais como o imposto pela experiência “*de l'identité culturelle consommation pour enfance youtuber*¹²” (MATOS e GIACOMIN, 2019, p.122) que se apresenta como um modo estruturante de consumir o tempo como produto da vida desde a infância. Reduzir a experiência da educação infantil ao porte algoritmo, de porte numérico da estruturação do tempo como ocupação de um consumismo.

Fazer do tempo a experiência educativa deste império aciona nesta pesquisa um contraponto filosófico que se posiciona desnaturalizando que “[...] o tempo da vida não é apenas questão de movimento numerado” (KOHAN, 2007, p. 86). Pois, este modo de naturalização do tempo predomina nos processos educativos, escola e outras instituições como o *site* do *YouTube*, que naturaliza o tempo como parte do movimento numerado e, com isso, torna-o consumível. Algumas macropolíticas educativas e até legislações tornam a experiência de infância uma experiência *khrónos*, produzindo a identidade infância-*khrónos*: “majoritária, a da continuidade cronológica, da história, das etapas do desenvolvimento, das maiorias e dos efeitos. [...]. Ela ocupa uma série de espaços molares: as políticas públicas, os estatutos, os parâmetros da educação infantil, as escolas, os conselhos tutelares” (KOHAN, 2007, p. 94).

Parte dessas macropolíticas institucionais, como a escola, investe em práticas de subjetivação do corpo infantil por meio das forças majoritárias molares, por isso, podemos fazer um alerta de que a escolarização se apossa do tempo pela predominância da força *khrósno*s e retira da infância a experiência do agir infantil. Diante deste tipo de posicionamento macropolítico, pouco se investe num tipo de experiência do tempo *aión*, ou, infância-*aión*, que prioriza um corpo infantil pela intensidade educativa, sem projeto pensado e evocado pela estrutura do fazer (DELIGNY, 2015): “É isto que vive a Educação Infantil. As crianças sendo escolarizadas, alfabetizadas precocemente, e antecipando-se todas as consequências desse processo de uma escolarização sem infância: fracasso escolar, racismo, interdição do corpo, da brincadeira e da alegria.” (ABRAMOWICZ, 2017, p. 15).

Tempo *aiônico* (KOHAN, 2007) carrega um tipo de experiência de infância percebida pela ampliação da percepção, porque na: “infância, não há sucessão nem conectividade, mas intensidade da duração” (KOHAN, 2007, p. 86-87), com a percepção do tempo pela intensidade da duração que atravessa o sensível de uma subjetivação *aiônica*, aquela que faz uma quase

¹² Da identidade cultural consumida pela infância *youtuber*. (Tradução nossa).

experiência imaginária. Por isso, tensionamos a infância da *youtuber* mirim Juliana Baltar como uma produção naturalizada em práticas educativas investidas pela velocidade da experiência *khrónos*.

Nosso tensionamento sobre o funcionamento das infâncias-*khrónos* não nos permite a idealização de um modelo de infância, e nem nos permite uma diabolização sobre a infância-*youtuber*, o que estamos tensionando faz parte de introduzimos no tema infância desta pesquisa o desafio de ampliar sem criar mais uma infância-ideal-metafísica:

“Não idealizamos a criança nem a infância, não vemos uma e outra com romantismo; não entendemos o resgate da infância como a restauração de uma natureza perdida, oprimida, originária, como a postulação de uma metafísica e de uma ordem transcendente, um estado ideal ou algo no estilo. (KOHAN, 2002, p. 236).

Nosso tensionamento se expande para uma crítica questionadora e propositiva para a área da educação infantil como uma espécie de resistência à idealização e ao produtivismo sobre os corpos das crianças. Enfrentamos, nesta pesquisa, os movimentos sobre o tema da infância, criando posicionamento educativo pelo investimento na experiência *aión* como uma resistência à “naturalização” de práticas institucionais sobre a relação entre infância e tempo. Mesmo sabendo que esse posicionamento seja minoritário e que os movimentos sobre a pesquisa em torno da experiência da infância-*aión*, dentro e fora da escola, ainda façam parte de uma micropolítica educacional, resistimos com o aporte teórico-conceitual filosófico, pelo combate ao utilitarismo que se opera junto à experiência de tempo *khrónos*.

Os conceitos filosóficos não têm a intensão de idealização e nem de exclusão dos outros conceitos, mas abrem a possibilidade de viver uma infância constituída por outro tempo, o tempo que está, muitas vezes, querendo experimentar junto à infância e com a criança. Nos desafiamos sem colonizar a infância pelo utilitarismo aos modelos de trabalho e de consumismo produzidos pela velocidade (tempo). Perspectivar esta experiência *aión* como infância faz com que tenhamos nossa relação em educação diante do desconhecido, inusitado e inesperado de intensidade da duração (KOHAN, 2007).

3. Vídeo da *youtuber* Juliana Baltar e a infância-*youtuber*

Os estudos conceituais sobre infância filosófica na perspectiva de *aión* e *khrónos* (KOHAN, 2002; 2007) são estendidos aqui para fazermos relação com o vídeo: *Tipos de primos*, do canal da *youtuber* Juliana Baltar. Este vídeo passou por quatro movimentos da análise qualitativa, são eles: 1. Retiraram-se do vídeo 52 imagens que caracterizavam o canal

YouTube Juliana Baltar especificamente neste vídeo: *Tipos de primos*. 2. Das 52 imagens das cenas do vídeo, separamos as imagens de experiências de tempo *aión* e *khrónos*, localizamos 12 que caracterizam as experiências de tempo *khrónos*. 3. Das 52 imagens, separamos as imagens de experiências de tempo *aión* e *khrónos*; não localizamos em nenhuma delas a experiência de tempo *aión*. 4. Aglutinamos as 12 imagens que marcam um tipo de cena sobre a experiência de tempo *khrónos*: a propaganda e a mostra constantes da youtuber Juliana Baltar sobre a aquisição de brinquedos, sejam eles comprados ou recebidos pelos patrocinadores de seu canal no *YouTube*.

Construímos este breve percurso descritivo sobre o processo de análise que passou o vídeo para apontar as descrições analíticas desta investigação a partir dos três dos quatro movimentos da análise do vídeo e da relação teórica-conceitual (MATOS, 2010).

Já nos dois primeiros movimentos da análise, localizamos, pelas 52 imagens, um conjunto de cenas que remete a uma produção de identidade de infância-*youtuber*-mirim. Ela se constitui e é constituída dentro da perspectiva do tempo *khrónos* (KOHAN, 2002; 2007), pois as imagens do vídeo selecionado mostram os brinquedos que ela, Juliana Baltar, adquire ou ganha dos patrocinadores do canal. Os brinquedos são mostrados, apresentados, mas em nenhum momento ela faz qualquer proposta de brincadeira com algum deles, e em nenhuma das 52 imagens selecionadas localizamos a *youtuber* fazendo propaganda de brinquedos ou marcas.

O tempo do vídeo carrega algo acelerado, porque ela tem que fazer propagandas dos brinquedos e mostrá-los para que os seguidores possam ir dando *likes*. O quantitativo de brinquedos que mostra faz com que revele a intenção de que as outras crianças se identifiquem com a quantidade numerosa de brinquedos consumidos por ela. Os *likes* solicitados são parte do tempo que vai sendo investido nela e reverte-se em tempo-trabalho que uma infância *youtuber* produz. O tempo destinado à infância *youtuber* é aquele que investe em uma espécie de produção de uma celebridade mirim. Juliana Baltar ocupa o espaço do vídeo usando a ideia de brincar como sinônimo de consumir, comprar brinquedos. Mostrar o que consumiu de brinquedos passa ser a estruturação da experiência do tempo. Ser a *youtuber* Juliana Baltar passa a ser um investimento do tempo no vídeo de uma infância-*youtuber* que captura e é capturada pela ideia de que brincar é sinônimo de adquirir brinquedos. O ato de brincar é imposto pelos patrocinadores (instituição) como a própria ação de consumir brinquedos.

O espaço midiático como um processo educativo feito por uma instituição de plataforma digital fabrica identidade, subjetiva e investe no desejo dos corpos infantis. Tal subjetivação se

faz quando localizamos nesta pesquisa a apropriação da experiência do brincar como substituição do ato de comprar e/ou adquirir, e/ou receber patrocínio. Juliana Baltar é uma identidade infância-*youtuber* que produz um efeito de alterar a experiência do brincar pela experiência do consumir brinquedos. Um tipo de infância-*khrónos* que atua sobre os corpos das crianças maquinando uma captura educativa voltada para a parte mercadológica e consumidora, deformando o ato de brincar como sinônimo do ato de consumir brinquedos. Essa indiscernibilidade é sutil e veloz.

No terceiro movimento da análise, não localizamos nas 52 imagens de cenas do vídeo nenhum tipo de investimento (objetivo ou subjetivo das imagens) da experiência de tempo *aión*, ou seja, infância-*aión*, experiência essa defendida nesta pesquisa com uma certa ausência, ou de pouca presença nas instituições voltadas para a infância – tanto a escola é uma delas, quanto a instituição digital *YouTube*, pelo canal Juliana Baltar faz educação, uma máquina de educar (JORGE, 2018). Quando não localizamos esse tipo de tempo filosófico defendido pelo autor Kohan (2007), percebemos de imediato que a infância-*youtuber* mirim, como a de Juliana Baltar, não investe na experiência da intensidade da duração que passa pelo agir e, talvez, a infância-*aión*; essa intuição não investe num processo educativo que se abra à percepção sensível, ou seja, que se abra aos possíveis para um quase processo educativo voltado ao imaginário (MATOS, GIMENA, ACIOLY-RÉGNIER, 2019).

Se retomarmos nosso aporte teórico-conceitual novamente, elaborado pelos tempos das experiências *aión* e *khrónos*, temos que conduzir que “é o tempo justamente da experiência” (DÁRIO e SILVA, 2018, p. 302). São experiências de tipos diferentes que marcam o tempo da infância-*aión* e da infância-*khrónos*. A experiência do tempo pela infância-*aión* tem a força que determina “o tempo da qualidade e não da quantidade. É o tempo que não passa. Que não se sucede. É o tempo que dura” (DÁRIO e SILVA, 2018, p. 302), é o tempo que se passa. Pensando nesse sentido de tempo que Kohan (2007) destaca essa experiência pela liberação de fluxo de vida agindo junto ao presente da criança. A criança com uma infância que age pelo ato de brincar sem projeto pensado age pela experiência de modo *aión*, porque “o tempo do presente, do estar presente, inteiramente no que se faz na vida que se vive: como uma criança que brinca” (KOHAN, 2007, p. 13). Agir sem projeto pensado é a parte desta experiência que mais vive como uma criança que brinca, que se difere de uma criança que faz consumo de brinquedo, sem necessariamente passar pela experiência do brincar.

Pela extensão do vídeo analisado, no quarto movimento da análise, aglutinamos as 12 (doze) imagens que marcamos 1(um) tipo de cena que exprime a recorrência das outras cenas

sobre a experiência de tempo *khronos*: a propaganda e a mostra constantes da *youtuber* Juliana Baltar sobre a aquisição de brinquedos, sejam eles comprados ou recebidos pelos patrocinadores de seu canal. O consumo de brinquedos distorce a posição do brincar, assumindo como projeto pensado para o fazer da criança o ato de consumir brinquedos como o significado do ato de brincar. A brincadeira proposta pelo vídeo é assumida como a apresentação dos brinquedos consumidos por Juliana Baltar, a *youtuber*.

Em uma das cenas do vídeo: *Tipos de primos*, do canal da *youtuber* Juliana Baltar, a experiência de tempo *khronos* é caracterizada, quando a prima¹³ de Juliana Baltar mexe em todos os brinquedos e não ajuda a organizá-los; há uma enorme quantidade de brinquedos nesta cena. Ao ver o brinquedo da casinha de bonecas de propriedade da prima, Juliana Baltar fala: “Meu Deus, que casinha linda, meu sonho!”. Mesmo em meio a tantos brinquedos, as duas não brincam com a casinha de bonecas e nem com outros brinquedos. A fala dessa cena aponta que é sonho de Juliana ter uma casinha, ou seja, possuir o brinquedo - como ato de consumo. A casinha de bonecas da prima é um produto de *marketing* e Juliana Baltar assume a posição de “sonho”, assume a posição de consumi-la.

Na presente descrição desta cena, reforçamos, que não tivemos a presença das duas *youtubers* mirins brincando. O tema do vídeo? *Tipos de primos*, fica submetido à centralidade da gravação pela presença do brinquedo da casinha de boneca. Com milhões de seguidores infantis, o vídeo da *youtuber* cria um tema de gravação e passa o tempo de vídeo mostrando, comentando e divulgando as marcas e produtos, fazendo propaganda.

Assim, a própria gravação do vídeo torna-se o ato de brincar mostrando brinquedos consumíveis pela infância-*youtuber*. O consumo é oferecido como parte da brincadeira, o “sonho” de adquirir a casinha de boneca é parte do ato de brincar proposto por esse tipo de infância. Temos uma infância-*youtuber* passivamente produzindo vídeos como uma nova celebridade, produzimos como processo educativo para a criança um tipo de experiência de tempo que prioriza o consumo de brinquedos como espaço de “sonho” do vivido. O relevante para nosso destaque de pesquisa é que a experiência de tempo-*khronos* mediatizada pela instituição *Youtube*, agencia a experiência de consumo como algo naturalizado e envolve a criança em seu tempo - o do consumismo.

¹³ Rafaella, irmã de Juliana, que colabora com a irmã contracenando e produzindo os vídeos da *youtuber*, interpreta um tipo de prima bagunceira.

As *youtubers* aparecem contracenando em todo tempo do vídeo, mostrando os brinquedos como se fizessem propagandas deles, não ocorrendo o ato de brincar com os brinquedos consumidos e nem sem eles. Segundo Pellegrini et al. (2009), o que pode chamar a atenção nos vídeos é a infinidade de produtos que eles oferecem. Infinitude é uma palavra que se relaciona muito bem com o consumo e que fascina as crianças, oferecendo-lhes possibilidades, como a de consumir, o prazer de colecionar brinquedos e adquirir bens: eis o entretenimento e a ocupação da experiência com o tempo deste tipo de infância-*youtuber*-mirim. Este tipo de infância vive neste vídeo a experiência pelo império do tempo *khrónos*. Há uma infância que brinca de fazer vídeo, que projeta a venda para consumos de brinquedos, e para quem o próprio brincar é o brincar de filmar propagandas de brinquedos para serem “sonhos” de infância.

O ato de brincar de filmar os brinquedos para se tornarem “sonho” de consumo das crianças que assistem o canal é proposital e bem definido neste vídeo, tanto que o brinquedo de “sonho” de consumo se mistura com o ato de brincar. O produto de “sonho” ocupa o tempo da infância. Uma infância-*khrónos* que se situa no “tempo do capital, do mercado” (KOHAN, 2007, p. 11) experimentando a continuidade naturalizadora de uma sociedade e de instituições que investem na formação de um tipo de infância-consumo (MATOS e GIACOMIN, 2019).

Considerações

Ainda seguindo a posição crítica desta investigação, a infância constituída pelas forças da experiência do tempo *khrónos*, ou seja, uma infância-*khrónos* se prolifera em um tipo que denominamos infância-*youtuber*. Esse posicionamento faz com que, nesta consideração, afastemo-nos da experiência de tempo *aión*. Segundo Pellegrini (2009), existe uma cultura das mídias que fez surgir os *youtubers*, ou seja, que possibilitou a comunicação consumista e a exposição imediata e podemos também relacioná-la o tempo *khrónos*. Pensando nestes aspectos, temos no vídeo analisado um indicador da infância-*youtuber* que se relaciona com o que proporciona a experiência pelo investimento de tempo pelo *khrónos*.

Os progressos tecnológicos permitem o tempo imediato, as relações sociais se estruturam através deste funcionamento de tempo. O tempo *khrónos* é o da internet. Este tempo é a infância *youtuber* mirim. Com isso, consideramos que ser *youtuber* mirim significa uma distração para a criança e não uma brincadeira, a qual proporciona a ela a rapidez das informações e do consumo, partes da sociedade na qual está inserida.

É possível inferir que o uso do *YouTube* é produto que convoca a velocidade do tempo e do consumo pelo seu ritmo acelerado no qual as pessoas adultas e crianças já estão subjetivadas pela naturalização do uso do tempo como imediatismo. Na educação infantil e suas escolas, os processos educativos se deparam com novos desafios se considerarmos que há uma outra infância sendo produzida pelo tempo imediato de uso de uma das mais úteis e acessadas plataformas virtuais da atualidade, o *YouTube*. Este espaço abre interação e conduz à inventiva proliferação da identidade *youtuber*. Tal captura chega ao espaço da infância, constituindo um espaço de interatividade em canais com vídeos e postagens voltadas para os seguidores de crianças que se tornam *youtubers* mirins.

Logo, segundo Jorge (2018), os vídeos dos *youtubers* mirins querem transmitir divertimento, e, por meio deste divertimento, investem nas crianças que produzem seus próprios canais de vídeos e postam no espaço do *YouTube*. A *youtuber* Juliana Baltar brinca de gravar cenas de sua rotina e se diverte sendo assistida por milhares de seguidores. O ato de gravar este tipo de vídeo para este canal impõe à infância-*youtuber* um certo movimento de deslocamento sobre a ideia de brincar. Neste vídeo, o ato de brincar e a própria infância são reduzidos ao tempo educativo voltado para o consumismo. Criou-se, então, uma experiência de tempo: o tempo imediato das relações da internet e a infância. Tempo em que a infância-*youtuber*-mirim faz desta relação via *YouTube* a experiência de vender “sonhos” de consumos. Juliana Baltar experimenta o ato de consumir brinquedos como experiência de ocupação da infância.

Existe uma infância-*youtuber* mirim e a denominamos assim, pois essa infância está sendo produzida pelo nosso tempo *khrónos*. Fizemos essa afirmação durante a pesquisa quando relacionamos um dos vídeos do canal de Juliana Baltar e quando adentramos na captura da experiência do tempo da internet pela violência do império do consumo sobre o corpo da criança. O tempo desta infância-*youtuber* é perfeitamente como o *YouTube* se relaciona com seus usuários: “parece que o tempo está cada vez mais acelerado. É comum ouvir expressões como: ‘não temos tempo’, ‘estamos atrasados’, ‘não vai dar tempo’, ‘o tempo é dinheiro’[...] o tempo nos atravessa, nós somos tempo [...]” (DÁRIO e SILVA, 2018, p.299). Esse tempo cronológico, o chamado tempo *khrónos*, toma a vida da criança e a envolve no ritmo da experiência da plataforma do canal do *YouTube* pela velocidade e quantidade de seguidores e acessos, explorando o uso da plataforma como predominância do império do tempo como um consumo de uso, um consumo útil, um consumo de tempo. A maneira que se investe no tempo é pela rapidez que ele se atualiza na produção de canais de vídeos, utilizando o tempo de modo rápido e fazendo com que se perceba o quantitativo que ainda necessitamos consumir.

Referências

- ABRAMOWICZ, A. Educação infantil: implementar o exercício da infância. ABRAMOWICZ, A.; CAMPOS, G. G. (Orgs.). In: **Infância e pós-estruturalismo**. São Paulo: Porto de Ideias, 2017, p. 15-26.
- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Kuksmao. Rio de Janeiro: LTC, 2ª ed., 1981.
- BRAGAGLIA, A.P. **Os youtubers mirins e a felicidade através do consumo**. 170f. Dissertação de Mestrado. Curso de Publicidade, Escola Superior de Propaganda e Marketing. São Paulo, 2016.
- DÁRIO, I. R.; SILVA, L. F. A escola como experiência: entrevista com Walter Omar Kohan. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 12, n. 1, p. 298-304, jan./abr. 2018. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/2297>>. Acesso em : 24 nov. 2018.
- DELIGNY, F. O agir e o agido. DELIGNY, F. In: **O aracniano e outros texto**. Trad. Lara Malimpensa. 2015, p. 137-146. São Paulo: n-1 edições.
- JORGE, G. S. De criança para criança. CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA (CIET). São Carlos, SP. **Anais CIET: EnPED: 2018 – Educação e Tecnologias: Aprendizagem e construção do conhecimento**. São Paulo: UFSCar. 2018. Disponível em:<<http://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2018/article/view/651>>. Acesso em: 24 nov. 2018.
- KOHAN, W. O. **Ensino de filosofia: perspectivas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- KOHAN, W. O. **Infância, estrangeiridade e ignorância: ensaios de filosofia e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- MATOS, S. R. L. Achadouro do infantil. In: 15º ENCONTRO SUL. RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INFÂNCIAS, CULTURA ESCRITA E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. Caxias do Sul, RS. **Anais**. 15º encontro Sul-Rio-Grandense de pesquisadores em história da educação infâncias, cultura escrita e história da educação. Caxias do Sul: UCS, 2009, p.1-15.
- MATOS, S. R. L. Uma Micrometodopolítica. GRAZZIOTIN, L. S. S.; COSTA, G. P. (Orgs.). In: **Experiências de Quem Pesquisa**. Reflexões e Percursos. 2010, p.81-92.
- MATOS, S. R. L.; CARABALLO, G. N. P.; ACIOLY-REGNIE, N. Sur les frontièrès à l'école. **Revista Teias**, v. 20, n. 57, p. 1-11, abr./Jun. 2019. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/42869/30187>>. Acesso em : 16 jan. 2022.

MATOS, S. R. L.; GIACOMIN, F. C. Discours sur: enfant, enfance et infantile. **Cadernos de estudos culturais**, v. 1, p. 119-134, jan./jun. 2019. Disponível em: <<https://seer.ufms.br/index.php/cadec/article/view/9694>>. Acesso em : 16 jan. 2022.

PELLEGRINI, D. P. et al. *Youtube*. Uma nova fonte de discursos. **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**. Portugal. p.2-8, 2009. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-pelegrini-cibercultura.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2018.

TOMAZ, R. O. *YouTube*, infância e subjetividades: o caso Julia Silva. **Educação, Cultura e Comunicação**, v. 8, n. 16, p.35-46, dez. 2017. Disponível em: <<http://publicacoes.fatea.br/index.php/eccom/article/viewFile/1898/1366>>. Acesso em: 19 set. 2019.

VOLNOVICH, J. C. Prefácio. A história da infância. FERNÁNDEZ, A. In: **O saber em jogo: a psicopedagogia propiciando autorias de pensamento**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

TIPOS DE PRIMOS! [*S. l.: s. N.*], 2015. 1 vídeo (8min. 26 segs.). Publicado pelo canal Juliana Baltar. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2G34ILUfSPg>>. Acesso em: 19 set. 2018.